



ENSINO POR PROJETO: UMA EXPERIÊNCIA

Anderson Souza da Silva Lanzillo*

A toda edição que uma nova Revista Fides é lançada ao público, seu conselho editorial exorta seus professores colaboradores a escrever um artigo que remonte à sua experiência acadêmica ou prática dentro do seu universo. Como a questão do ensino é um tema que sempre tenho me dado a experimentações, gostaria de compartilhar aos seus leitores a atividade que elaborei no semestre passado: o ensino por projeto.

A cada semestre há uma busca enquanto docente de aprimorar e experimentar novas metodologias que não só valorizem o ensino e aprendizado, mas também coloque o aluno em contato com seu mundo real ou pelo mesmo esperado para quando ele se formar no seu curso. Na atualidade, os estudos da educação cada vez mais pontuam esta problemática em seus diversos âmbitos, especialmente pelas mudanças necessárias e demandadas pela sociedade. Dar aula expositiva, embora ainda seja o método corrente que nós, professores de Direito, utilizamos, está em franca decadência como política de ensino. Fala-se agora de metodologias ativas de ensino, em que ensinar é mais uma estruturação de um processo para que o aluno crie conhecimento, saiba discutir e rediscutir de forma crítica, do que fixar um conhecimento de forma conceitual, simplificada e superficial. Fixar conhecimentos é não se dar conta de que o saber é altamente mutante e volátil na contemporaneidade, não se dar conta de que há algo mais perene, útil em toda esta volatilidade: a capacidade de pensar e de criar.

Se precisamos fazer com que alunos pensem, como fazê-lo? Não há a resposta para isto, mas há pelo menos respostas provisórias que possamos aplicar na nossa prática pedagógica. Tendo em mente que uma coisa que faz com que os alunos tenham atitude

* Mestre em Direito Constitucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do Departamento de Direito Privado do curso de Bacharelado em Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e do Programa de Formação em Recursos Humanos em Direito do Petróleo, Gás natural e Biocombustíveis – PRH MCT/ANP 36-UFRN. Membro do Conselho Científico da Revista FIDES.

perante o processo de aprendizado é a motivação, decidi-me pela realização de um projeto como atividade de avaliação e ensino.

Como foi estruturada a atividade? A atividade devia ser realizada em grupos de seis alunos. Estes alunos escolhiam um tema de sua vontade, desde que este tema possuísse uma relação com a disciplina ofertada (ex.: sendo a disciplina “Direito Empresarial III”, cujo conteúdo envolve falência e recuperação empresarial, o tema devia ter relação com este eixo empresarial, como “Título de Crédito e suas repercussões no processo falimentar”). Escolhido o tema, o aluno podia realizar este tema em três vertentes: a) como projeto de pesquisa, resultando num trabalho acadêmico; b) como projeto de extensão, resultando numa intervenção no mundo; c) como projeto de ensino, resultando em ferramentas que se voltariam para o ensino da disciplina. O grupo de alunos possuía como primeira tarefa entregar-me o projeto. A partir da entrega do projeto, eu dava um parecer sobre o projeto elaborado e, juntando o projeto original mais o meu parecer, os alunos realizavam este projeto e apresentavam seus resultados num seminário, podendo gerar outros produtos. O projeto era a avaliação da terceira unidade, a nota final do semestre.

Como posso definir o saldo desta experiência? Posso definir com um saldo positivo, mas com muitas coisas a pensar. Então, é preciso balançar os prós e os contras desta experiência não no que teoricamente foi elaborado, mas no que foi vivenciado, experimentado.

Primeiro, a experiência mostrou que nós professores temos ainda um caminho longo a percorrer na aplicação de metodologias ativas de ensino. Sim, pelo menos eu tenho. Sendo um projeto, a gestão do tempo é essencial e é importante atentar os alunos para sua realização e neste quesito algo ficou faltando. Na posição de professor, também percebi que é importante saber que o que pode ser claro para mim pode não ser claro para os alunos e por dois motivos principais: a) algo pode estar claro no seu texto, mas não os objetivos que seu texto busca veicular; b) pressupor conhecimentos não significa que os alunos possuam estes conhecimentos no aspecto da sua verdadeira formação. Assim, embora houvesse claramente uma liberdade, os alunos sentiram a necessidade de diretrizes mais específicas (sim, professor, mas o que podemos fazer?), e então forneci várias orientações, seguidas por muitos grupos.

Com relação à pressuposição, percebi que é necessária uma política institucional que valorize a integração dos conhecimentos ao longo do curso. A minha principal pressuposição era que meus alunos possuíssem as ferramentas básicas para a elaboração de um projeto, mas tive que ceder a realidade: mesmo tendo “pago” a disciplina, estes conhecimentos não

estavam realmente consolidados, apresentando os projetos várias deficiências, deficiências estas que tive que ajudar a resolver com mini-explicações sobre metodologia de pesquisa.

Houve trabalhos que acabaram sendo seminários tradicionais, não tendo a atitude e a criatividade postas à prova. A postura tradicionalista não é algo só de professores, mas também dos próprios alunos. Inovar pode ser a palavra de ordem, mas muitas vezes a inovação é só tecnológica, logo superficial. Nas relações sociais, a profundidade disto, o processo é lento e enfrenta resistências de todos os lados.

Falei de problemas, mas é hora de falar de coisas boas também.

Houve vários trabalhos que mostraram o empenho dos alunos. Houve a realização de banner, criação de twitter, comunidades virtuais, blogs, realização de entrevistas por questionário e vídeo entre outras ferramentas. Foi perceptível que a maioria destes projetos novos incluía-se em atividades de extensão ou mistura de atividades de extensão com ensino (ex.: blog cujo objetivo era ensinar sobre a Falência para um público leigo). Mas dentre todos estes projetos, destaco a realização por um grupo de uma Revista (revista mesmo, impressa, na forma das antigas!!) que os alunos intitularam “Direito Empresarial em Revista”, que abordou vários aspectos do direito falimentar nacional e especialmente da realidade local, do Rio Grande do Norte, com projeto de editoração impecável. Verdadeira demonstração de ousadia que deve ser colocada para frente.

Aqui relatei um pouco da minha experiência. Este semestre estou tradicionalista. Alcei um voo que foi desajeitado e preciso pensar. Não dar um passo para trás, mas amadurecer e compartilhar e trocar com a comunidade acadêmica e não-acadêmica experiências que possam enriquecer e realmente levar a um passo a mais em direção a uma educação moderna e atuante.